



Diálogo de saberes no território vivo Ilha de Deus *Dialogues of popular knowledge in the living territory Ilha de Deus*

MOURA, Thiago¹;

¹ UFRPE, thiagomoura008@gmail.com

RELATO DE EXPERIÊNCIA TÉCNICA

Eixo Temático: Agriculturas urbanas

Resumo: Este trabalho faz parte do Projeto Território Vivo do Recife: agriculturando a cidade em direção à Segurança e Soberania Alimentar, realizado no âmbito do Programa Territórios Vivos - Agroecologia, Campesinato e Educação Popular em Campo, apoiado pelo Edital BEXT 2021. O projeto foi desenvolvido na comunidade pesqueira Ilha De Deus, especificamente no sítio Jamaquinha que é gerido pelo aquicultor Josias e sua família, onde predomina a criação de camarão.

Palavras-Chave: racionalidade camponesa; agricultura urbana; aquicultura familiar.

Contexto

O projeto foi desenvolvido na comunidade pesqueira Ilha De Deus, com o objetivo de realizar um diagnóstico participativo com a família de Josias, de modo a visibilizar potencialidades ecológicas e econômicas de seu território. O presente relato visa descrever a experiência desta iniciativa de aquicultura urbana, realizando comparações com a agricultura rural e urbana.

A comunidade é situada na zona sul da cidade do Recife (PE, Brasil) e se trata de uma ZEIS (Zona Especial de Interesse Social), cercada pela confluência dos rios Capibaribe, Jordão, Tejipió e Pina que se encontram no local e desaguam no mar. Essa condição geográfica tornou a Ilha um território pesqueiro ancestral que nos últimos anos, resistiu na cidade do Recife à poluição, violência, mazelas sociais e à especulação imobiliária. O território tem na criação de camarão e na pesca de mariscos atualmente seu principal meio de subsistência e, ao longo do tempo, sua população tem se articulado em busca de melhorias na infraestrutura de acesso ao local e na moradia, visando melhor qualidade de vida, com destaque para o protagonismo feminino.

Lá está a força das águas dentro da cidade dos mangues, que ainda evita a fome de muita gente, e de um povo local que conseguiu muitos avanços sociais através de protestos e luta por direitos. Há décadas atrás o lugar era completamente marginalizado, mas hoje o povo da Ilha de Deus tem voz ativa nos locais que se propõe estar, fortalecidos pelo movimento local de grupos como o Caranguejo Uçá e Saber Viver, que fomentam política social, cultura, educação ambiental, protagonismo feminino e empoderamento local, fazendo com que o morador da comunidade se sinta pertencente ao meio que vive e se orgulhe disso.



Na Ilha de Deus foi escolhida a família do aqüicultor Josias, que mora com sua esposa Katusha e sua filha Helena. A família em questão foi escolhida pois Josias detém um senso particular para a ecologia e educação ambiental, e a partir desse senso, planejou morar em um sítio urbano chamado de Jamaiquinha, situado em meio aos viveiros de camarão, às margens do Rio Pina e cercado pelos mangues. No local, ao longo de 20 anos, modificou a paisagem através do plantio consciente de mudas nativas como caju, sapoti e araçá e tantas outras plantas frutíferas, medicinais e raízes que trouxeram uma grande diversidade para aquele lugar de solo arenoso, castigado pela água salobra e poluição dos mangues.

O trabalho foi desenvolvido de Janeiro a Dezembro de 2021 como um projeto de extensão no âmbito da Universidade apoiado pelo edital do BEXT 2021. Teve como objetivos pôr em prática os conteúdos que eram apresentados na sala de aula do Bacharelado em Agroecologia, campesinato e educação da UFRPE, provocando o diálogo, a reflexão e ação através da troca coletiva de saberes de acordo com os princípios da Agroecologia e suas metodologias. Para atingir tais objetivos, foi feito um trabalho de campo através da metodologia do diagnóstico rural participativo durante o ano de 2021 no sítio Jamaiquinha junto ao aqüicultor Josias e sua família.

Descrição da Experiência

A criação de vínculo com os interlocutores do projeto, foi feita inicialmente através do contato de professores do Bacharelado em Agroecologia da Universidade Federal Rural de Pernambuco com o coletivo Caranguejo Uçá. A partir desta primeira visita, com os professores e alunos, o sítio de Josias foi indicado pelo coletivo como um possível agroecossistema com práticas agroecológicas que seria de interesse para estudo dos estudantes. Após isso, foram feitas visitas ao longo de um ano, ao menos três vezes por semana, pelo pesquisador que escreve o presente trabalho.

A quantidade de atividades não tem como ser quantificada, tendo em vista que nas primeiras visitas ao sítio tive o intuito de acompanhar a rotina da família e me familiarizar com todo o processo de criação de camarão e a história de Josias. A minha presença precisava ser conciliada com toda a rotina do aqüicultor, por isso as atividades eram feitas de acordo com disponibilidade e a programação no sítio. Com relação às atividades do diagnóstico rural participativo, elas aconteciam de acordo com a sequência que estava sendo trabalhada pelos próprios estudantes do bacharelado em agroecologia, a cada nova ferramenta estudada, ela era levada ao junto ao aqüicultor, para que ele pudesse fazer a análise do seu agroecossistema. A participação da família acabou centrada na figura de Josias, tendo pouca participação da sua esposa Katusha e sua filha Helena, de quatro anos. Este fato consideramos como algo que poderia ser melhorado no trabalho, porém que se deu sobretudo devido ao fato de Katusha estar todos os dias trabalhando fora para vender o camarão na feira de Afogados e Josias estar mais presente em seu território.



Metodologicamente usamos conceitos da educação popular, respeitando os saberes da família estudada. As ferramentas utilizadas para a troca de saberes foram a escrita, desenho, confecção de mapas e música. Foram utilizadas ferramentas do diagnóstico rural participativo (VERDEJO, 2006, p. 6): “que é um conjunto de técnicas e ferramentas que permite que as comunidades façam o seu próprio diagnóstico e comecem a gerenciar seu planejamento e desenvolvimento.” Verdejo (2006) salienta que embora originalmente as ferramentas foram pensadas para as zonas rurais, muitas das técnicas da DRP podem ser usadas no meio urbano. As DRPs respeitam a sabedoria e a cultura de um grupo, analisa e entende as diferentes percepções e percebe a realidade de maneira subjetiva.

A primeira fase do diagnóstico é voltada para identificar problemas ou limitações e a segunda é usada para procurar soluções. A confecção de mapas era feita a mão com cartolina e pinças pelo próprio aquicultor após explicação do aluno sobre o referido conteúdo. Os mapas servem para o “planejamento, discussão e a análise da informação visualizada” (VERDEJO, 2006, p. 24). “Em alguns casos, também podem ser usados para visualizar diferentes alternativas para solução de um problema.” (VERDEJO, 2006, p. 24).

Também foram utilizados o Diagrama de Venn, F.O.F.A, Árvore de Problema, e Redesenho do Agroecossistema. A Árvore de Problema tem como objetivo “analisar a relação causa e efeito de vários aspectos de um problema previamente determinado, as raízes da árvore simbolizam as causas do problema, o próprio problema se encontra no tronco, e os galhos e as folhas simbolizam os efeitos.” (VERDEJO, 2006, p. 35). O Diagrama de Venn “identifica os grupos organizados da comunidade e as relações que estes têm entre si e outras instituições vinculadas à comunidade.” (VERDEJO, 2006, p. 37). Essas ferramentas são muito importantes e utilizadas no âmbito rural, dos povos camponeses e foi um desafio utilizá-las dentro de um agroecossistema urbano. Trabalhar com a F.O.F.A por exemplo, que é uma ferramenta que leva a reflexão do agricultor/aquicultor de seu entorno sobre as fraquezas, oportunidades, fortalezas e ameaças, levou a reflexão de que a fortaleza do agroecossistema de Josias é o meio ambiente e a fraqueza é a poluição deste mesmo meio ambiente.

Os métodos eram novidades para a família e foram bem aceitos como parte integrante de um processo de fortalecimento de sua família, seu território e seu trabalho. Pois esses métodos têm o objetivo de melhorar seu autogerenciar e o seu planejamento e desenvolvimento. Acontecia da seguinte maneira: sentávamos no terreiro do sítio, eu explicava a ferramenta de acordo com o que era trabalhado em sala de aula, e perguntava a Josias se ele achava que aquele método era interessante para ser aplicado em seu sistema de produção. Desta maneira, com a afirmação de Josias, o mesmo fazia a análise e diagnóstico do seu agroecossistema, colocando no papel suas análises, desenhando os mapas, a árvore do problema. Ou seja, a análise era feita por Josias e eu apenas levava a ferramenta e refletia junto com ele sobre o aprendizado.



A principal atividade de Josias é a criação de camarão e o projeto de extensão viabilizou o debate sobre a especulação imobiliária que atinge diretamente sua atividade econômica, já que causa a destruição do mangue afetando a qualidade das águas que são o principal insumo para a criação do camarão. Criação de camarão é uma atividade comum na ilha. Existem muitos criadores, mas poucos que moram no local de trabalho. Josias criou, com suas próprias mãos, sua ilha. Com o manejo constante nos tanques para a retirada da lama que se acumula de tempos em tempos, Josias foi aterrando uma área central que ao longo de quase 20 anos construiu um sonho que, segundo ele, tinha desde menino: morar em um sítio. Nesse trabalho, lento e árduo, Josias conseguiu se estabelecer na área, construindo a casa da família e transformando todo o espaço através de suas intervenções.

Além de ser pescador, ofício que herdou da família, também tem um traquejo singular para trabalhar com o manejo com a terra, e projetou ter diversas espécies de plantas em seu sítio. Desde que começou, até agora, são mais de 20 espécies de árvores frutíferas e medicinais que são em sua totalidade aproveitados pela comunidade e pela família. Plantas como açaí, sapoti, graviola, acerola, cajá manga, trapiá, coco, maracujá, caju, amora, piri piri, laranja e tamarindo. E medicinais como hortelã, mastruz, colônia, boldo e capim santo. Tem a consciência de que a diversidade é algo necessário para a manutenção de seu sistema. A frondosa tamarineira ao lado da casa é o convite certo para o povo do centro da ilha que não tem um “quintal” como o de Josias, e vem pegar tamarindo e também aproveitar a farta safra do caju, já que são mais de 20 espalhados pelo sítio assim como quando se faz um Bobó com macaxeira, coco e camarão, tudo do quintal. Autonomia e diversidade.

Josias adora plantas e essa é uma atividade que sempre acontece no lugar através da doação e troca de mudas que ocorre com frequência no local. Exemplos como esses foram chamando minha atenção e ficando cada mais evidente como Josias tem traços camponeses mesmo sendo uma pessoa nascida na zona oeste do Recife no bairro da Mustardinha e vivido sua vida inteira dentro dos mangues da zona oeste e zona sul do Recife, ter essa clareza me deu naquele momento um ânimo emocionante, enquanto estudante sem ainda um local de trabalho definido dentro da cidade e com sonhos ter uma vida com um ritmo que se assemelha ao rural mas sem execrar possíveis resquícios de urbanidade.

Além de fundamentar o processo formativo do extensionista, o projeto gerou um impacto positivo na família de Josias pois ajudou a visibilizar, apoiou suas lutas, ofereceu ferramentas, técnicas e recursos para as pessoas através da troca de saberes, indicando coletivamente um caminho para os eventuais desafios a se enfrentar no território trabalhado.

Resultados

É um desafio mudar o enfoque do rural para o urbano pois na cidade os espaços são limitados e ainda se vê um abismo entre rural e urbano. Muitas vezes parece que são coisas completamente diferentes, mas na verdade se complementam. Porém, foi exatamente nesse momento, que encontrei uma linha de sentido em estar atuando nesse lugar com Josias. A forma com que percebi a relação com a



agroecologia neste trabalho foi ao relacionar que Josias, mesmo vivendo dentro da Cidade do Recife e inevitavelmente se relaciona de várias formas com a cidade, conseguiu emular uma vida campesina, por conta de suas racionalidades e modos de se relacionar com a natureza.

A partir de observações mais aprofundadas encontrei traços camponeses em Josias através de seu modo de apropriação da natureza e sua forma de pensar. Envolvimento da família, geração de renda, autonomia de trabalho, bem viver e satisfação pessoal. Ora, Josias é dono do seu tempo. Não tem patrão, sua esposa comercializa tanto na propriedade quanto na feira o camarão que ele maneja e produz, essa renda é suficiente para pagar alguma mão de obra que precise ao longo do período de criação, manutenção ou aquisição de algum equipamento como aeradores, e para garantir o insumo vindo de fora que é o pós-larvas comprado em laboratório em empresas do Rio Grande do Norte. Talvez seja essa a única dependência externa do sistema de Josias, pois todo o restante do processo é a partir da apropriação da natureza. Seria uma similaridade com o agricultor que não tem a semente de milho ou feijão e precisa comprar?

A água, principal insumo, vem dos processos naturais de maré alta e baixa que inundam os tanques e, a partir do sistema de comportas essa água é represada a fim de que seja adequada para a criação do camarão. Josias tem o conhecimento apurado dos movimentos das águas e sabe com precisão que horas a maré vai encher ou estar vazia. Planeja seu trabalho a partir da observação do tempo/clima. Assim como se o dia vai ser bom de trabalho pela qualidade da água. São diversas formas de observação e conhecimento empírico e popular que formaram ao longo do tempo a expertise desse aquicultor que entende como funciona seu sistema, assim como também um agricultor familiar sabe se o ano será o ano será bom de chuvas a partir de observações que se baseiam no saber popular e no conhecimento de causa.

Josias não tem a ambição de produzir em larga escala seu produto, sabe dos impactos que a abertura de outros tanques poderia causar no local, tem por base cobrar um preço justo por seu camarão. Preza por estar em intercâmbio constante com a natureza. Todos esses traços são racionalidade camponesas encontradas em Josias e outras como a cosmovisão de um homem caranguejo que está na lama vivendo dela e precisa dela para sobreviver assim como o animal. Esse respeito e entendimento quase sagrado do espaço que se relaciona também é uma particularidade de um camponês. Aspectos como: Autossuficiência, Força de trabalho Familiar e/ou comunitária Cosmovisão da natureza, diversidade, consciência ecológica, amor pela terra, conflitos pela terra, são alguns comportamentos que foi visto por mim na Ilha de Deus e que se interseccionam com o modo do homem do campo.

O nome camponês já é associativo, mas precisamos refletir essa relação de características de pessoas que vivem na cidade com atributos camponeses e por conceito não podem ser chamadas como tal. Ou podem? Penso também naqueles pensadores agricultores, que em épocas de entressafra se lançam ao mar em busca de alimento ou na época do defeso, voltam para alguma terra para plantar. Fazendo



esse rodízio entre lavar a terra e lançar as redes, seriam esses mais legitimados enquanto camponeses mesmo estando na cidade a exemplo? Não é o caso de Josias, que mantém atividade de criação de camarão o ano todo. Isso pode se tornar um problema quando esses camponeses urbanos ficam sem poder acessar políticas públicas ou outros benefícios, por não estar no espaço/campo, mesmo tendo todos os aspectos de quem está. Mais um motivo para que essas ideias estejam acesas, não só para fomentar o debate de ideia e encontrar algum caminho resposta ou aumentar a dúvida, assim como penso na valia dessa reflexão por conta de que vejo que cada vez mais pessoas estão num processo de encantamento com a natureza em particular com agroecologia e tudo isso acontecendo dentro da cidade. E esse processo, quase que um chamado de querer manejar a terra seja num quintal, numa vivência em um sítio ou em um vaso suspenso, está muitas vezes com o eu camponês que existe em cada um.

A ancestralidade camponesa que aflora no gene que lhe coloca a repensar o caminho, por equilíbrio no que diz respeito à apropriação da natureza e isso influencia diretamente nas racionalidades que vão se fundamentar ao longo do tempo. O meandro que foi conseguir pensar em todo esse processo, não é mais complexo do que a existência de “camponeses urbanos” sem ainda um conceito definido. O que me permite, por hora, nomear assim.

Referências bibliográficas

GOHN, Maria da Gloria Marcondes. **Novas teorias dos movimentos sociais**. São Paulo: Edições Loyola, 2008.

VERDEJO, Miguel. **Diagnóstico rural participativo: Guia prático DRP**. Brasília: Gráfica da Ascar, 2006.